

O mão de luva e os sertões de Serra acima: Garimpos clandestinos e conflitos sociais no Brasil Colônia

Romyr Conde Garcia¹

Resumo

Este artigo trata de um estudo sobre o contrabando e a mineração clandestina na capitania do Rio de Janeiro no final do século XVIII. Aborda questões sobre a vida nos garimpos clandestinos, os descaminhos do ouro e as redes de abastecimento e subordinação as autoridades portuguesas. Envolve vários personagens da sociedade colonial, do administrador português aos pequenos proprietários, dos mineradores regulares e do famoso Mão de Luva.

Palavras-chave: Contrabando Colonial, Mineração, Capitania do Rio de Janeiro, Mão de Luva.

Abstract

This article it's about a study of Rio de Janeiro's Captaincy's contraband and undercover mining at the end of the XVIII century. The article discusses about the life in undercover mining, the gold waywardness, supply networks and subordination to the Portuguese authorities. It involves many

¹ Graduado em história pela UFF, mestrado e doutorado em história econômica pela USP, pós-doutorado em história pela UFF

characters of colonial society, the Portuguese manager to smallholders, the regular miners and the famous Mão de Luva.

Keywords: Colonial contraband, Mining, Rio de Janeiro Captaincy, Mão de Luva.

1. Introdução

Os garimpos clandestinos são exemplos muito importantes para compreendermos a atividade mineradora no Brasil do século XVIII, pois representavam a extração de riqueza mineral sem a devida cobrança do quinto. Mas ao contrário da simples mineração furtiva, a faiscação, que infestava os sertões das capitâneas interiores, a qual ocupava grande número de mineradores, garimpeiros e escravos, os garimpos clandestinos, devido ao seu tamanho e a sua produção, assumiam um caráter bastante típico e com outra dinâmica.

Quando os faiscaadores encontravam um grande filão de ouro ou diamantes, a Coroa, rapidamente, tomava posse e fazia a divisão das lavras, cabendo àquele que encontrou a mina, a primeira lavra a ser escolhida. Contudo, a maior parte dos faiscaadores não tinha capital nem escravos para impor os seus interesses, defender as suas descobertas e, muito menos, competir com os grandes mineradores. Desta forma, os indivíduos mais interessados em encontrar novas jazidas, os garimpeiros, cada vez mais se afastavam das grandes regiões mineradoras. Aventuravam-se em áreas remotas, ocupadas por indígenas ou proibidas pela Coroa. Normalmente, buscavam áreas próximas às fronteiras das capitâneas, onde os limites não estavam demarcados, nem existia autoridade para lhes cobrar o quinto de suas descobertas.

Apesar do elevado número de faiscaadores e do volume da mineração furtiva na colônia, a documentação oficial menciona poucos garimpos clandestinos. Na verdade, só encontramos três garimpos de porte: o de Minas Novas, no norte de Minas Gerais; o de Nossa Senhora do Parto em Mato Grosso, e o do Cantagalo no Rio de Janeiro. Uma das razões para o número reduzido de garimpos decorria da transformação, das descobertas auríferas e diamantíferas, em lavras regularizadas.

Impedindo que os garimpeiros se reunissem e resistissem ao governo português. Outro motivo talvez seja a localização destes descobertos, comumente em regiões distantes e selvagens, que impossibilitava um abastecimento adequado, o fornecimento de escravos e o escoamento da produção.

Na verdade, temos que reconhecer que os garimpos clandestinos eram exceções dentro de um sistema. São áreas que conseguiram extrair um volume razoável de minério, com número significativo de homens livres e de escravos, que resistiram à ação monopolizadora da Coroa e criavam novas áreas de conflito social no Brasil colonial. O volume da extração e o grande número de indivíduos que trabalhavam na cata, tornava estas lavras clandestinas famosas em pouco tempo. A existência de um garimpo clandestino representava uma subversão da ordem, um novo pólo de atração e de atenção e, o que é mais sério, um grande perigo para o fisco português. Estes garimpos são, nada mais nada menos, que a livre circulação de ouro e do não reconhecimento da autoridade do rei. Motivos esses que reduzem o número dos indivíduos capazes de se dedicarem às lavras clandestinas.

Escolhemos como estudo de caso o descoberto do Cantagalo, e para explicar a existência destas lavras temos que levar em conta, primeiramente, a conivência e o enfraquecimento do poder lusitano; depois, a força dos indivíduos que fundaram o garimpo; e, por último, o volume da produção mineral e o envolvimento de diversos personagens que vão além do mundo da mineração.

2. Breve história da mineração nos sertões de serra acima (macacu)

Que em execução desta Ordem, mandou o Conde de Cunha, demolir e destruir as fazendas de alguns moradores que ali se achavam estabelecidos, e entre elas a do sobredito Maurício José Portugal. Não se conseguiu porem da severa execução das referidas Ordens o efeito desejado antes pelo contrário formando-se em consequência dela, ideias mais constantes, e vantajosas das riquezas daquele Sertão, começaram a entrar nele ocultamente, alguns sertanejos para o explorar, aumentando-se sucessivamente o número dos ditos exploradores" (...), entrarão no referido Sertão muitos mineiros, e gente armada, e penetrando aqueles matos, se foram estabelecer em uma aldeia de índios, onde fizeram plantações de

milho, feijão e outros viveres sendo os constam-te que dali se extraíam copiosíssimo cabedal.²

A história da mineração clandestina no Descoberto do Cantagalo teve início na década de 1760, quando Maurício Portugal, um morador das cachoeiras do Macacú, depois de faiscar na inóspita região de serra acima, pediu a Intendência Geral do Ouro a permissão para "abrir um garimpo naqueles sertões".³ Hoje "aqueles sertões" compreenderiam uma extensa área que iniciaria no atual município de Teresópolis e avançaria para toda região serrana de Nova Friburgo, que incluiria os municípios de Santa Maria Madalena, Cantagalo, Bom Jardim, Cordeiro, Macuco, Trajano de Moraes, Carmo, Duas Barras, São Sebastião do Alto e parte o município de Cachoeiras do Macacu.

A princípio a autorização foi dada, mas temendo o crescimento do contrabando na região e das seqüelas provocadas pela atividade mineradora, o Vice Rei ordenou fechar aqueles sertões e destruir todas as fazendas e ranchos situados no sopé da Serra do Mar, inclusive a moradia de Maurício Portugal. Para acompanhar o cumprimento de suas ordens, foi erguido o Registro de Entrada do Mato, guarnecido por soldados dos regimentos de linha.⁴

No final da década de 1770, um garimpeiro mineiro, de nome Manoel Henriques, por alcunha, o Mão de Luva, invadiu os sertões do Macacú com seu bando e constituiu um garimpo clandestino, onde, segundo a imaginativa mente do Vice Rei, "não só retirava ouro, como prata, diamantes e pedras preciosas".⁵

² Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacu, BNRJ, Cód. 9, 3, 17, n^o 20 e Correspondência Oficial com a Corte, BNRJ, Cód. 28,28,4.

³ Maurício Portugal pediu permissão para garimpar no Macacú em 1763, no mesmo ano, o Vice Rei voltou atrás e proibiu a mineração. "Que em execução desta Ordem, mandou o Conde de Cunha, demolir e destruir as fazendas de alguns moradores que ali se achavam estabelecidos, entre elas a do sobredito Mauricio José Portugal. (...) Para que não ficasse nem na memória a existência destas riquezas." Correspondência oficial com a Corte, BNRJ, 28,28,4.

⁴ A construção do Registro de Entrada do Mato, apesar de não encontrarmos referências sobre a sua fundação, foi capaz de inibir os avanços dos moradores da região, fato este que alterou profundamente a origem do primeiro garimpo no alto da Serra. Hertal, 1992 pp. 5-6, Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, 1786, BNRJ, Cód. 3,17-18, n^o 29.

⁵ Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, BNRJ, Cód. 9, 3,17, n^o 20 e Correspondência Ativa e Passiva com a Corte, BNRJ, Cód. 4,4,7/8.

Antes de falarmos sobre o Mão de Luva, é importante ressaltar que a mineração na capitania de Minas Gerais estava em franca decadência. Graças à cobrança do quinto, ao esgotamento dos veios e do crescimento da população, a maioria dos garimpeiros estava numa situação muito crítica. As regras que determinavam a repartição das datas eram muito rigorosas, o que impedia os homens de poucos escravos a obterem boas lavras. Com isso, muitos garimpeiros, com ou sem escravos, tentavam a sorte em regiões não exploradas e áreas proibidas. Generalizou-se, então, o hábito de tais lavradores de ouro abrirem áreas de exploração clandestina, além daquelas que lhes haviam sido concedidas pela Coroa. Talvez, tenha sido este quadro de crise que fez Manuel Henriques, juntamente com seus irmãos, abandonar a recente região mineradora do Xopotó, e fundar o garimpo dos sertões do Macacú, também conhecido por “Novo Descoberto”, ou “Minas Novas do Cantagalo”.

Devido à iniciativa dos Vice-Reis, fechando área e graças à conivência do governador de Minas Gerais, o Mão de Luva pode garimpar, por quase cinco anos, sem nenhuma espécie de problemas com as autoridades. O seu garimpo atraiu não só outros mineradores de Minas Gerais, como também muitos moradores de Magé e de Macacú. Estes não só traziam seus escravos, mas também, familiares e amigos para a cata no “Cantagalo”⁶. Com estes novos mineradores, intensificou-se o abastecimento do garimpo do Mão de Luva com a região do Macacú, surgindo até mesmo, vendas e pousadas destinadas aos contrabandistas.

O garimpo do Mão de Luva só foi destruído em 1785, quando, a contragosto do governador de Minas, reuniu-se uma grande tropa no Rio de Janeiro e, partindo de Minas Gerais, invadiu os sertões do Macacú prendendo o “facinoroso”⁷. Apesar da prisão do cabeça do bando, o contrabando persistiu por algum tempo, realizado

⁶ "(...) associando muitos outros habitantes de Minas Gerais com tanta relaxação e desenvoltura que não só passam sem alguma cautela; até os próprios pais mandão seus filhos para o Novo Descoberto como eles chamam, e com igual liberdade". Ofício de Pedro Galvão de São Martinho para o Vice-Rei Luís de Vasconcellos e Souza, 1785, Correspondência Oficial com a Corte, BNRJ, Cód. 28, 28, 3.

⁷ É bom ressaltar que, mesmo as tropas estando sob o comando de um mineiro, Capitão-Mor Galvão de São Martinho, elas primeiro se reuniram no Rio de Janeiro para, depois, e juntar aos Dragões de Minas Gerais.

principalmente pelos irmãos Joaquim e Manoel Lopes, moradores de Magé⁸. Um ano depois, o Vice Rei D. Luís de Vasconcellos e Souza, acreditando que estava diante de um novo eldorado, reuniu outra tropa no Rio de Janeiro. Desta vez, as ordens eram para que se ocupassem finalmente aqueles sertões e os transformassem numa região produtiva e sob a vigilância severa da Coroa.⁹

E esta empresa foi um grande fracasso, pois, não encontraram filão algum de ouro ou de prata e, no início do século XIX, já estava a área totalmente abandonada, como constatou Jonh Mawe:

O governo, tornando-se assim senhor do território, imaginou encontrar aí tanto ouro quanto ao se estabelecerem os primeiros garimpeiros e publicou muitos regulamentos injustos, oprimiu os nativos como jamais se vira, instalou registros em vários pontos, para impedir o contrabando, e encheu toda a redondeza de guardas. Os numerosos colonos, atraídos pela suposta riqueza do lugar, não tardaram a verificar que o creme fora extraído pelos contrabandistas, e pouco a pouco voltaram a atenção para a agricultura, que lhes assegurava existência menos precária que a mineração (MAXWELL, 1977, p. 98).

Não obstante e, apesar de terem posto fim às atividades do bando do Mão de Luva, o contrabando que passava no Real Caminho se mantinha com força, para penúria dos cofres reais e a alegria dos contrabandistas e burocratas coloniais.¹⁰

1.1. "OS BANDIDOS"

No garimpo do Cantagalo encontramos dois grupos distintos de homens: os mineradores, donos das lavras e dos escravos, que eram chamados de facinorosos

⁸ Os irmãos Lopes demoraram meses para serem presos e, mesmo assim, "carregaram" outros "cachoeirenses", como Manuel Francisco, para o contrabando entre a serra e a Baía de Guanabara. Esta tropa ficou sob o comando do Ten. Cel. Manuel Soares Coimbra, autor da maior parte das cartas ao Vice-Rei. Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, BNRJ, Cód. 9, 3,17-18.

⁹ Esta tropa ficou sob o comando do Ten. Cel. Manuel Soares Coimbra, autor da maior partes das cartas ao Vice-Rei. Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, BNRJ, Cód. 9, 3,17-18.

¹⁰ Em Maxwell, capítulos 2 e 3, percebe-se que o contrabando vinha crescendo por toda década de 1780, principalmente devido ao governo corrupto de Cunha e Souza. Ele cita também, várias passagens sobre o contrabando, às vésperas da inconfidência.

pela Coroa; e os fiscadores, homens pobres que ajudavam na mineração e no abastecimento. Esta divisão independia da naturalidade destes indivíduos, já que existiam fluminenses donos de lavras e escravos, e mineiros trabalhando para estes. Entretanto, a maior parte dos mineradores era da região das Minas Gerais, cabendo aos "cachoeirenses", o difícil trabalho na lavra e o abastecimento do garimpo.

Desta forma, analisaremos em primeiro lugar os grandes mineradores, isto é, o Mão de Luva e os seus parceiros, para depois, realizarmos um cruzamento entre este grupo com o dos moradores da Cachoeiras do Macacú.

a) Mão de Luva e os Mineradores

... os bandidos pertencem a história recordada, em contraposição a história oficial dos livros. Fazem parte da história que e menos um registros de fatos e daqueles que o realizaram, quando dos símbolos dos fatores teoricamente controláveis, mas na pratica descontrolados, que moldam o mundo dos pobres: de reis justos e de homens que levam a justiça ao povo (HOBSBAWM, 1976, p.135).

Quando comecei meus estudos sobre o Mão de Luva, na década de 1980, existiam poucas fontes confiáveis sobre esse personagem. Hoje este quadro mudou. Mesmo não tendo acesso aos autos de inquérito e relatos sobre o seu julgamento, encontramos um processo inquisitorial do ano de 1781, contra um certo Agostinho de Abreu Castelo Branco, também chamado de Francisco de Paula, filho de um advogado no Chopotó (MG), “doutor Jorge de Abreu, que, juntamente com Manoel Henriques tinha cometido o crime de furtar uma partícula consagrada (hóstia) e fazer com ela um patoá para fechar o corpo. (Processo Inquisitorial N° 12,969 ATB)

A denúncia e o início do processo partiu do Bispado do Rio de Janeiro, e cita como moradia dos dois réus a Serra dos Órgãos e não a região do Chopotó em Minas gerais. Isso prova não só que o Mão de Luva já garimpava nos “Sertões” de Serra Acima, como já estava sendo procurado, não por descaminho, mas por sacrilégio.

Pelo mesmo documento sabemos que Manoel Henriques já era famoso na Capitania de Minas Gerais e suas façanhas já encantavam não só o povo como também do governador. Diziam que o amuleto “diabólico” do Mão de Luva permitia encantar cavalos e protege-lo nas suas viagens e que certa vez ele resgatou um preso de dentro da cadeia de São João del Rey e o levou para Vila Rica.

Depois de trinta anos estudando o Mão de Luva, posso dizer que Manoel Henriques realmente merece a fama que alcançou, chegando a ser personagem de uma minissérie de televisão. Ele parece ser muito mais que um aventureiro, um homem audacioso e violento, ele tinha relações com poderosos de Minas gerais, incluindo o governador Luís da Cunha Meneses o que lhe dava impunidade aos seus atos. Antes disso, tínhamos que ficar limitados aos relatos de viajantes como Hermann Burmeister¹¹, Johann Jacob Tschudi¹² e John Mawe¹³ que o mostravam como um bandido. Ou então, com escritores mais modernos como Acácio Ferreira Dias e Laura de Melo e Sousa que transformaram o Mão de Luva primeiro numa lenda, um nobre português, “fundador” da cidade de Cantagalo, homem do povo que lutara contra os desmandos da coroa, uma espécie de Robin Hood regional, ou apenas um bandoleiro nos moldes dos “Bandidos” de Heric Hobsbawm.¹⁴

¹¹ Hermann Burmeister, relata sobre o Mão de Luva ao explicar a origem do nome da cidade de Cantagalo:, (Burmeister, 1980, p.151).

¹² O chefe deste bando era um audacioso mulato que perdera uma das mãos em luta com um pelotão de soldados que o tinha surpreendido em sua atividade. Em lugar da mão perdida, usava uma luva cheia de algodão, o que lhe valeu a alcunha de Mão de Luva (...). Uma força do exército conseguiu, dias mais tarde, guiada por um dos componentes do grupo de espões, surpreender o bando, que era de uns 300 homens (...) Parte deles foi morta em combate, parte feita prisioneira e outros, entre os quais Mão de Luva, conseguiram desaparecer na selva. Mão de Luva viveu ainda alguns anos, ora como bandido, ora como garimpeiro, até que enfim foi preso, transportado para o Rio de Janeiro e daí deportado para o Rio Grande do Sul, onde morreu em 1824 ou 1825 (Tschudi, 1980, p.87).

¹³ John Mawe, afirma que o Mão de Luva era o chefe de "Homens muito resolutos, que viviam livres de controle e desafiando as leis" (Mawe, 1978, p.97).

¹⁴ Hobsbawm afirma que "tais registros da memória publica e do mito são, naturalmente, pouco dignos de crédito, ainda que se baseiem, remotamente, em acontecimentos verídicos; todavia, oferecem muitas informações incidentais quanto ao meio-ambiente do banditismo, pelo menos na medida em que não ha razão para tais informações estejam deturpadas." (Hobsbawm, 1976idem, p.8).

Manoel Henriques, o "Mão de Luva", foi um curioso bandido do tempo da mineração. Diz a lenda que era mutilado e tinha a mão esquerda de couro. Explorava ouro clandestinamente, e também assaltava comboios. Estabeleceu-se numa região afastada, constituindo uma verdadeira povoação de homens facinorosos e semidesclassificados, onde havia cerca de duzentas casas. Luís da Cunha Menezes mandou uma carta enganosa a essa gente, dizendo ter chegado a hora de legalizar a mineração naqueles ribeiros e que, com esse intuito o governo enviaria emissários que procederiam a repartição das terras. Em março de 1784, Mão de Luva se opôs tenazmente a entrada dos homens do governo, no que foi seguido e apoiado por todos os moradores do lugar. Mas o regulo acabou se intimidando, pois "estava idoso e padecia de formigueiro nos pés e uma chaga no nariz". Dirigiu-se a Vila Rica e pediu perdão de suas faltas ao capitão-general; logrado, foi preso junto com a sua gente e sentenciado no juízo da Intendência Geral do Ouro de Vila Rica (SOUZA, 1986, p.202).

Já num trabalho posterior, "Cantagalo", de Clelio Hertal, baseado na mesma documentação que trabalhamos, prefere designa-lo como um faiscador mal sucedido, "tal como o fora Tiradentes" (HERTAL, idem, p.39). Entre estas duas visões, ficamos com a do historiador cantagalense. Com toda a certeza, Manuel Henriques era um garimpeiro, só que as semelhanças entre ele e Tiradentes não eram tantas como Clelio Hertal supunha. A grande diferença estava na própria condição social, isto é, a propriedade escrava: segundo o auto de prisão e depoimentos ao Tenente Coronel Manuel Soares Coimbra, o Mão de Luva chegou a possuir mais de 10 escravos enquanto Tiradentes era um faiscador que teve que entrar para o exército para poder se sustentar. Mesmo assim, ainda persistem alguns pontos de contato, visto que, segundo Maxwell, todos os dois, de uma forma ou de outra, estiveram intimamente ligados a contrabandistas.¹⁵

Poderíamos aprofundar esta discussão, se o Mão de Luva era ou não um bandido, mas carecemos de maiores informações e de um instrumental de análise mais confiável. Para a Coroa ele era um criminoso, um facinoroso, que cometia crime de Lesa Majestade ao garimpar em área clandestina. Já a população do Chopotó e

¹⁵ Maxwell dá indicações do relacionamento do alferes Joaquim José da Silva Xavier com o contrabando, principalmente durante o seu comando no registro da Mantiqueira. Para ressaltar estas suspeitas, Tiradentes tinha como pretendida, a filha de um padre que contrabandeava diamantes do Distrito Diamantino. Maxwell, op.cit., p. 122

das cachoeiras do Macacú via nele um grande líder, homem de grande astúcias que, antes mesmo da sua prisão, já era uma lenda viva.

Por estas visões, Manoel Henriques se encaixaria talvez, no conceito de bandido social de Hobsbawm. Mas não vamos exagerar em nossa análise, pois, apesar de termos encontrado muitos aspectos que o aproximam do bandido social, o Mão de Luva também foi um garimpeiro. Isto é, o seu maior crime foi garimpar em regiões proibidas. Os bandidos de Hobsbawm com outras menções podiam até abandonar o banditismo e voltar para as suas aldeias, mas ele não menciona nenhum que fosse bandido e proprietário de escravos.

O conceito do historiador inglês serve muito bem para explicar a lenda que surgiu em torno da figura do Mão de Luva e não para classificá-lo.

b) Vida No Garimpo Do Cantagalo

O Garimpo do “Novo Descoberto” estava dividido por três grupos: o do Mão de Luva, o dos Irmãos Lopes e de Miguel Muniz. Como o Manuel Henriques chegou primeiro àqueles sertões, coube para si à divisão das lavras e também a escolha das datas mais promissoras.¹⁶

Segundo relatos de moradores das cachoeiras do Macacú, em 1780, o garimpo chegou a ter 18 escravos: 4 do Mão Luva, dos Lopes, 4 de Miguel Muniz e 7 de " um tal" H. João dos Santos, sendo que este último, garimpava com o Mão de Luva, era uma espécie de sócio.¹⁷ Quando da prisão do Mão de Luva, em 1785, este número já chegava a casa de duas dezenas de escravos, mas não sabemos ao certo qual era a distribuição.¹⁸ Fora os escravos, trabalhavam nestas lavras mais de cinquenta

¹⁶ Das sete lavras existentes, duas eram do Mão de Luva, três eram dos Irmãos Lopes, uma pertencia a Miguel Muniz e outra estava inativa. (Cartas do Capitão-Mor..., 1786, BNRJ. Cód. 9, 3,17-18).

¹⁷ Relatos de José Joaquim da Silva, Ibidem.

¹⁸ Este número poderia ter se elevado bastante, caso o irmão do Mão de Luva, Antonio Henriques não tivesse sido preso próximo ao Rio Paraíba, com uma carta endereçada ao Intendente de Vila Rica, pedindo para que se comprassem 16 escravos especialistas em mineração. Ibidem, n º 31

peessoas; brancos, mulatos e forros. Logicamente, a lavra mais populosa era a dos Luvas: com 30 pessoas.

As lavras não estavam afastadas uma das outras, sendo que a distância não ultrapassava os 500 metros. Em cada uma destas lavras existiam roças, onde se cultivava milho, mandioca, feijão e abóbora¹⁹. Apesar desses ranchos, a produção de gêneros de subsistência não devia ser suficiente para a alimentação dos mineradores e a complementação alimentar tinha de vir da troca com os índios da região²⁰, do comércio realizado por integrantes do bando e por mascates²¹.

As rotas de abastecimentos eram duas: uma vindo do Macacú; e outra, de Minas Gerais. O Mão de Luva tinha muito mais contatos com Minas do que com o Rio e era de lá nos Sertões do leste da capitania mineira, próximo a Piranda e Catas Altas da Noruega, que ele obtinha escravos, mantimentos, pólvora e etc...²² O próprio registro policial do Rio Paraíba comercializava com o Mão de Luva²³, como conta o tenente-coronel Manuel Soares Coimbra: “que pela margem esquerda do rio Paraíba, oposta, havia diferentes guardas da tropa de Minas Gerais com qual negociavam os contrabandistas, comprando-lhes mantimentos por alto preço ...”²⁴.

¹⁹ Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, 1786, BNRJ, cód. 9,3,17-18, 1786.

²⁰ Todo o sertão do Macacú era povoado por muitas aldeias de índios. Na documentação estudada encontramos referência a cinco aldeias, duas no Rio Grande, uma no Rio Negro, outra no Rio Macabú e a Aldeia da Pedra (Itaocara). A mesma documentação chega a mencionar que o local das lavras do Mão de Luva outrora teria sido uma aldeia.

²¹ Nos autos de prisão, o comandante da tropa que prendeu o Mão de Luva enviou para os garimpos clandestinos, dois soldados de sua tropa, que fizeram-se passar por mascates. E foram bem recebidos pelos contrabandistas. Carta do Capitão-Mor da Vila de Macacú, op.cit., n^o 120.

²² "...vem os mesmos extraviadores buscar escravatura e mantimentos no distrito de Minas Gerais, que levam, como ultimamente praticaram em trinta e cinco bestas de carga conduzidas por diferentes comboieiros, como eles mesmos depuseram, declarando além disto que no caminho, que era de vinte e quatro léguas...". Ofício do Ministro Martinho de Melo Castro ao Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos, de 8 de fevereiro de 1785. BNRJ, 28,27,03.

²³ Pedro Galvão de São Martinho relata ao Vice-Rei que puniu severamente os soldados do Registro do Paraíba e os remeteu a julgamento porque tinham muitos negócios com o Mão de Luva. Carta do Capitão-Mor. São Martinho ao Vice Rei. 1785. BNRJ, 28,27,03.

²⁴ *Ibidem*.

Já os irmãos Lopes, com menos influências nos registros policiais, preferiam se abastecer no Macacú, onde eles tinham uma espécie de sócio, Luís Francisco (que era proprietário de uma estalagem)²⁵ e na Ilha de Paquetá, onde possibilitava um acesso fácil e seguro à cidade do Rio.

Estas preferências tinham uma razão, tanto Manoel Henriques, como Miguel Muniz eram oriundos de Minas, onde constituíram famílias²⁶ e boas relações com as autoridades. Já os irmão Lopes eram de Magé e realizavam suas principais trocas no Recôncavo Guanabario ²⁷.

Sobre a mineração de ouro nas lavras do sertão do Macacú, existem poucas informações e muita discussão acerca do quanto era retirado nestas lavras. Nenhum dos inquéritos com os moradores do Macacú chega a informar se extraia bastante ouro do Novo Descoberto. Alguns afirmaram que viram "batear neste serviço, sendo cada bateada de um até quatro vinténs e todo ouro era em granizo", porém, lhes mostraram que era possível tirar bateadas de 10 oitavas e mesmo de 1/2 oitava. A nosso ver, Manoel Henriques deve ter retirado bastante ouro destas lavras, a ponto de atrair outros mineradores e os lavradores das Cachoeiras do Macacú. Contudo, em 1784, o filão de ouro pluvial já tinha terminado, por isso, o Mão de Luva abriu uma grande vala²⁸ e mandou comprar 16 escravos especialistas em mineração em Vila Rica. A que tudo indica, ele estava partindo para minerar nas encostas dos morros, isto é, nas "Catas Altas", como chamavam os mineiros.

²⁵ Luís Francisco tinha uma casa próxima ao Registro de Entrada do Mato, que servia também de estalagem e ousada para os irmãos Lopes. O Comandante da tropa do Macacú prendeu a mulher e as filhas de L. Francisco suspeitando que estavam dando "coito aos descaminhadores". Temos notícias, também, que um filho de Luís Francisco garimpava na lavra dos Lopes nos sertões de serra acima. Cartas do Capitão-mor da V. de Macacú, 1786, cód. 3, 9,17-18, n^o 2.

²⁶ Manuel Henriques era do Arraial de Igreja Nova do Xopotó, próximo de Piranga e Catas Altas da Noruega, região aurífera a baixo de Ouro Preto. Ofício do Ministro Martinho de Melo Castro ao Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos, 1785. BNRJ, 28,27,03.

²⁷ Nas cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, os irmãos Lopes tinham montado uma grande rede de contatos: da estalagem de Manuel Francisco na Entrada do Mato, a pessoas em Magé, Suruí e Guapimirim. Incluiu também o Sargento-Mor do Arraial de Bom Jesus da Ilha de Paquetá (N.A.).

²⁸ No relato de Francisco Rodrigues Cardoso: "Disse que só viu uma grande vala por onde o Mão de Luva iria lavrar, e que não viu ouro, mas o Mão de Luva disse que era em granitos com bateadas com 24 cada uma ". BNRJ. Cartas do Capitão-Mor da Vila de Macacú, op.cit..

Após a prisão do Mão de Luva, ficou comprovado que as jazidas auríferas do Novo Descoberto não eram economicamente viáveis. Não davam nem mesmo para pagar a tropa encarregada de vigia-la²⁹. Contudo, temos de levar em conta que o ouro de aluvião deve ter sido abundante, pois os garimpeiros clandestinos ficaram garimpando naqueles sertões por cerca de cinco anos, sendo que o número de escravos elevou-se de 18 em 1780 para 33 em 1785. Isto pode ser explicado pelo uso do trabalho escravo e práticas de subsistência referidas.

Outra faceta interessante do caso do Mão de Luva é o possível envolvimento do governador de Minas Gerais com os garimpeiros clandestinos do Novo Descoberto, tal qual Maxwell tinha constatado nos garimpos de Minas Novas. A documentação trabalhada e bem clara, e em várias passagens, indica um "compromisso" do Manoel Henriques com o Governador General-Capitão Geral das Minas Gerais (Luís da Cunha Meneses), não só nas evidências de repasse do quinto pago pelo minerador, como na prisão do bando de "facinorosos", quando o "Fanfarrão Minésio" usou de sua influência para atrasar a tropa e permitir uma fuga do Mão de Luva³⁰:

..tendo toda esta diligência ficar inteiramente evacuado o sobredito sertão dos extraviadores que o infestavam e se achavam nele tranquilamente estabelecidos, segundo me acaba de comunicar o sobredito General daquela capital conseguindo-se, ainda que com bastante receio, ficar de todo frustrado o bom êxito que se pretendia, de serem surpreendidos em suas próprias habitações e lavras, treze réus que vieram remetidos de Minas

²⁹ Correspondência Oficial do Vice-Rei Luís de Vasconcellos e Souza com a Corte, anos 1779 a 1789, John Mawe, op.cit., caps. XVIII e IX.

³⁰ "III Ilmo. Exmo. Sr. Havendo pela minha parte regular todas as expedições feitas que faziam necessárias para, assegurar e guarnecer os portos e passagens que tem, ou podem comunicação com o interior do sertão de Cachoeiras de Macacú para os diversos distritos desta capitania dependendo unicamente dos últimos avisos do Governador e Capitão General de Minas Gerais para por em execução as ordens de Sua Majestade concernentes aos diversos objetos de que trata a carta de V^a Ex^a de 8 de janeiro do ano próximo e passado, como lhe participei no ofício de 21 janeiro deste ano: fiz expedir imediatamente no mês de maio precedente a tropa determinada para assegurar, e defender os sítios mais arriscados e de maior suspeita, com a devida precaução e ao mesmo tempo em que o sobredito General e participou a tempo em que fazia expedir a tropa daquela capitania, para se internar pelos confins dela para o dito sertão, a fim de ficar limpo, e desembaraçado pelo meio da forja o famoso contrabandista que havia, despoticamente, se apoderado daquele novo descobrimento". Correspondência de Luís Vasconcelos de Sousa para Martinho de Melo e Castro, 13 de julho de 1786, e Correspondência ativa e passiva com a Corte, Luís de Vasconcellos e Souza, BNRJ. Manuscritos, 4,4,8. n.º 2.

Gerais, que se acham nas cadeias desta relação para se proceder contra eles na formas das Leis e Ordens de Sua Majestade.

Entre estes veio o famoso cabeça, Manuel Henriques, por alcunha, o Mão de Luva, com seus três irmãos, igualmente orgulhosos e de péssimo procedimento, que tratando uma recíproca e familiar correspondência com os próprios comandantes das guardas que o sobredito general estabeleceu precipitadamente na entrada do novo caminho que abriu nos confins daquela capitania para o dito sertão, se julgaram seguros e com um passaporte franco para continuarem nas suas extorsões a sombra de uma tolerância mal entendida.³¹

c) O Contrabando e o Garimpo,

Uma questão que ainda deve ser resolvida é sobre o contrabando de ouro nos Sertões do Macacú. Não existem fontes a mão que possam comprovar um contrabando de ouro de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, via garimpo do Mão de Luva. O mesmo pode se constatar para a passagem de outros produtos ou manufaturas no sentido Rio-Minas. O único ouro que sabemos haver sido extraviado pelo bando do Mão de Luva provinha do próprio garimpo do Cantagalo.

Existem referências sobre a atuação do Mão de Luva em descaminhos que cortavam a Serra do Mar e chegavam à costa, nos portos de Cabo Frio, São João da Barra e Macaé e na vila de campos do Goitacases, onde se suspeitava ter ele intermediários. Apesar destas informações, não encontramos sinais de contrabando de minério oriundo de Minas Gerais, nem a compra de escravos, aguardente ou sal nestes portos. O que para nós foi uma grande surpresa. Visto que seria um contra-senso muito grande um contrabandista atravessar grandes distâncias, chegar a maior região salineira da colônia, Cabo Frio, para apenas entregar o seu ouro. Isso sem falar que ele também estava numa região com grandes engenhos e engenhocas, podendo obter aguardente de boa qualidade e escravos, etc.

Em História Financeira do Brasil Colônia, Maria B. Levi, afirma que, no final do século XVIII, havia uma grande sangria monetária na colônia, onde a "generalizada escassez de moeda conduziu a administração local das minas a

³¹ Correspondência de Luís Vasconcelos de Sousa para Martinho de Melo e Castro. Correspondência ativa e passiva com a Corte, Luís de Vasconcelos e Souza, BNRJ. Manuscritos, 4,4,8. n.º 3.

emissão dos chamados "bilhetes de extração", que corriam como moeda e o crédito que gozavam levou o Governo português a oficializá-los, passando a serem impressos em Lisboa e remetidos a Colônia" (LEVI, 1979, p. 115). Dentre deste quadro monetário, fica difícil acreditar que os contrabandistas rumavam em direção ao litoral para trocar ouro por moedas.

A nosso ver, o Mão de Luva deveria trocar ouro por outros produtos, principalmente sal, aguardente, mantimentos, pólvora, chumbo, tecidos etc. Poderia também obter alguma espécie de crédito, neste caso, em Campos. Ou então, quando não muito, com mercadorias, prata ou mesmo moedas adquiridas com os contrabandistas que ancoravam clandestinamente na Barra do São João e em Macaé. Não obstante os fortes indícios de um lucrativo comércio entre o litoral e as minas do Novo Descoberto, as cartas do Vice-rei não mencionam esta importante rota, talvez porque não lhe interessasse. O que ele e os demais funcionários da Coroa se preocupavam era apenas combater a saída do ouro e não este comércio interno clandestino.

Concluindo, os Sertões do Macacú era mais uma região mineradora clandestina do que uma via de descaminho do ouro de Minas Gerais. Sendo que: **a)** Mão de Luva era um garimpeiro, oriundo de Minas Gerais, senhor de escravos, líder de um grupo de garimpeiros que lavravam ilegalmente nos Sertões do Macacú; **b)** Manoel Henriques tinha relações muito "interessantes" com altos cargos da administração mineira que o possibilitou a se estabelecer e garimpar tranquilamente por mais de meia década nos sertões do Macacu; **c)** não podemos afirmar se era branco ou pardo, nem temos informações de que era realmente um bandido, tal como afirma Laura Mello e Souza, mas sim, que era um minerador que retirava ouro suficiente para comprar e manter os seus escravos; **d)** este indivíduo, querendo ou não, pertencia ao eixo principal da economia mineira, isto é, ele estava intimamente ligado à vida produtiva do país, mesmo que estivesse ilegalmente localizado. Poderia até ser chamado de contrabandista ou descaminhador do ouro, mas acreditamos que ele contrabandeava mais o ouro que retirava do Novo Descoberto que os desvios de Minas Gerais. Na verdade, encontramos mais ouro saindo dos Sertões do Macacú para a região das Minas, que ao contrário.

Por outro lado, o Mão de Luva era um chefe: líder de um bando. Considerado até mesmo pelo Vice Rei D.Luís de Vasconcellos, como homem astucioso e audacioso. Por isso, bem que poderíamos enquadrá-lo próximo à concepção de E. Hobsbawm como "um homem que se faz respeitar". E tal qual o bandido nobre, "iniciou a sua marginalidade não pelo crime, mas como vítima da injustiça, ou pela perseguição, pelas autoridades, devido a algum ato que consideram criminoso, mas que e aceito pelo costume local" (HOBSBAWM, op.cit., pp 37-38).

1.2. MORADORES DO RECÔNCAVO GUANABARINO

...associando muitos outros habitantes de Minas Gerais com tanta relaxação (sic) e desenvoltura que não só passam sem alguma cautela; até os próprios pais mandam seus filhos para o novo descobrimento como eles lhe chamam, e com igual liberdade³².

O envolvimento de parcela da população do distrito de São Francisco de Sá (Macacú) e de Magé, com as atividades ilegais de mineração, o extravio do ouro se processou de diversas formas e em períodos diferentes. E isso que constatamos ao estudar a documentação oficial referente aos descaminhos do ouro, encontrada na Biblioteca Nacional.

Antes mesmo da entrada do Mão de Luva, o Sertão do Macacú, os descaminhos do "Paquequer" e de "Magé", mais os desvios de "Inhomirim" e no "Meio da Serra"³³, no Real Caminho do Ouro já representavam para alguns habitantes do Recôncavo Guanabará, uma atividade bastante lucrativa³⁴.

³² Cartas do Capitão-Mor, op.cit., 9,3, 15-17.

³³ Descaminhos, como o do Paquequer e o de Magé, corriam em paralelo ao Real Caminho do Ouro, tinham início na altura do Rio Paraíba e subiam a Serra do Mar pelos vales dos rios. Já os desvios, como o próprio nome diz, um desvio que era feito antes de chegar a um registro do fisco, muitos deles poderiam ter quilômetros, chegando, até mesmo, ligar o Real caminho com o descaminho de Magé ou do Paquequer.

³⁴ Cartas do Capitão-Mor, op.cit., 9, 3, 17 (relatórios dos guarda-mores das freguesias de Magé, Suruí, Guapi-Mirim e Inhomirim).

Entretanto, para a maioria da população, este expediente servia como uma complementação em suas rendas. Afinal, como já vimos, a principal monta do contrabando não passava por estes descaminhos e, sim, pelo caminho oficial.

Acreditamos que esta população exercia duas atividades distintas nos descaminhos de Paquequer e de Magé, uma era o contrabando independente, extraviando pequenas quantias de ouro que eram facilmente obtidas nas proximidades do registro do Paraibuna; a outra, era a de servir de guias e intermediários para outros contrabandistas, levando o ouro e pessoas por rotas que só eles conheciam.

A nosso ver, devido às condições econômicas desses indivíduos e da própria formação sertaneja, a segunda prática deveria ser mais intensa que a primeira, visto que esta atividade poderia ser exercida de forma periódica e temporária, permitindo ao lavrador dedicar um período à lavoura e outro à caça, à mascateação e mesmo, ao contrabando.

Já para a garimpagem furtiva (faiscação), não existiam as mesmas facilidades. Garimpar requeria técnica apurada e um olho muito experiente. Ainda mais em regiões não exploradas, pois não se sabia o que iria ser encontrado. Podia aparecer ouro, pedras semi-preciosas ou, simplesmente, nada. Nos garimpos do norte de Minas, abunda histórias de garimpeiros inexperientes que perderam grandes filões de ouro e lençóis de diamantes, por não terem um olho acostumado com o garimpo.

Os moradores de Magé e Macacú não estavam habituados ao trabalho de garimpo, muito menos à faiscação furtiva de serra acima. Estas qualidades pertenciam mais aos moradores de Minas Gerais que aos fluminenses. Mesmo assim, os moradores das cachoeiras do Macacú se enveredaram a garimpar nos ribeirinhos, afluentes do rio Macacú. Hoje, desta atividade só resta o nome de uma serra próxima a cidade de Cachoeiras do Macacú: Serra das Lavrinhas³⁵. Entretanto, foi exatamente

³⁵ Na toponímia do Rio de Janeiro ainda é possível encontrar referências ao período da mineração, existem muitas outras lavrinhas, rios da prata e do ouro, "registros" e "pousos". Em Cantagalo encontramos um córrego e bairro das Lavrinhas, Serra da Batalha e Serra do São Martinho, fora o rio da aldeia. É bom lembrar que o garimpo do Mão de Luva, que era dividido por lavras, ficava próximo

um morador desta localidade que encontrou os primeiros indícios de ouro nos sertões de serra acima. Contudo, o cachoeirense não teria encontrado este filão se não contasse com as informações dos índios da região³⁶. Apesar das proibições de 1763, além de Maurício Portugal, outros cachoeirenses subiram a serra do Mar e garimparam naqueles sertões, mas nada acharam.

Francisco Vegado de Abreu, casado, disse que foi ao Novo Descoberto a 15 anos atrás, convidado por Manoel Rodrigues, a qual também levava dois escravos que lhe emprestara Antônio Novais ... Começaram a garimpar e não acharam nada, por aqueles sertões ainda não se falava no m ao de Luva, muito menos nos Lopes.³⁷

Voltando a José Maurício Portugal, existe uma questão muito importante a ser tratada. Quando este subiu a serra atrás das informações do indígena, chamou parentes e alguns amigos para garimpar naqueles sertões. Estes seriam uma espécie de futuros sócios, caso encontrassem algo. Esta forma associativa de garimpar, reunindo familiares, amigos, e escravos de vários senhores se tornou uma prática muito comum naqueles sertões³⁸. Todos os donos de lavras do “Novo Descoberto”

a uma aldeia e foi destruído depois de uma batalha, cujo comandante inimigo era de nome São Martinho.

³⁶ Muitos índios transitavam entre a aldeia de Itatocara e o Macacú, certamente, um destes poderia ter informado a Maurício Portugal, já que os boatos de rios de ouro e prata eram muito comuns na região.

³⁷ Cartas do Capitão-Mor, op.cit., 3, 9, 17-18.

³⁸ "José Joaquim da Silva, solteiro, morador das cachoeiras do Macacú disse: “Alguns anos atrás, um índio de nome José Gomes o induziu a subir a serra pois sabia onde se encontrava um rio que não só corria ouro, prata, diamantes e pedras preciosas... subiu a serra com Joaquim Nunes, José de Souza Pereira, Antonio Rodrigues da Silva, mais três paulistas...” e "Francisco Vegado de Abreu, casado, disse que foi ao Novo Descoberto a 15 anos atrás, convidado por Manoel Rodrigues, o qual também levava dois escravos que lhe emprestara Antonio Novais ..." "Começaram a garimpar e não acharam nada, por aqueles sertões ainda não se falava no Mão de Luva, muito menos nos Lopes." Cartas do Capitão-Mor da Vila do Macacú, n °47, 3, 9,17-18.

possuíam sócios. normalmente tinham posses, pois entravam com dois, três e até mesmo, sete escravos, como é o caso de H. João dos Santos.

Não há notícias de brigas ou querelas entre os garimpeiros do Cantagalo, muito pelo contrário, toda a documentação informa que eles eram muito unidos, sendo que a defesa do garimpo era feita por todos os garimpeiros que chegavam até a armar seus escravos. Isso comprova as suspeitas de Laura Mello e Souza sobre a solidariedade nos garimpos clandestinos:

não se confundiam com o bandido, apresentando uma espécie de código próprio de conduta, pautado na lealdade; limitavam-se a trabalhar em terras vedadas, e esse era o seu único crime, pois respeitavam a "vida, os direitos, a propriedade de seus concidadãos (SOUZA, idem, p.203)

a) Os Parceiros: Irmãos Lopes e Miguel Muniz,

Manoel Henriques e seus irmãos, não foram os únicos a garimpar no Novo Descoberto, existiram também dois outros grupos de mineradores: os Lopes e de o Miguel Muniz. E da mesma forma que ocorreu com Mão de Luva, existem poucas informações sobre os irmãos Lopes, sabemos apenas que eram três: Joaquim Lopes, José Lopes e Dionísio Lopes.

Os Lopes garimpavam com quatro escravos em três lavras: a primeira, a terceira e a sexta, uma lavra a mais que o bando do Mão de Luvas. Além disso, trabalhava com eles o filho de Luís Francisco, morador das Cachoeiras de Macacú. E por esta "sociedade" com o cachoeirense, que a atuação dos Lopes se destaca mais que a de Miguel Muniz: parece é que existia uma forte relação entre os Lopes com a população de Cachoeiras de Macacú. Ao contrário do Mão de Luva que se relacionava mais com a população mineira.

Nas lavras dos Lopes chegou a trabalhar outro cachoeirense, de nome Antônio da Silva Costa. Ele relata que nas lavras dos Lopes existiam boas roças, talvez as mais

produtivas do Novo Descoberto e que os escravos andavam armados. Apesar da proximidade entre as lavras, este homem não conheceu o Mão de Luva, pois não saiu do garimpo dos Lopes.

Além da sociedade no garimpo, outra forma de se garimpar no “Novo Descoberto”, era servindo de trabalhador braçal para os donos de Lavras.

Pelas inquirições do tenente coronel a cachoeirenses que garimpavam para os irmãos Lopes e para o Mão de Luva, percebe-se que o trabalho era duro, mas a remuneração deveria ser razoável, pois existia um fluxo constante de cachoeirenses para as lavras do Macacú. Apesar de todos, sem exceção, afirmarem ao tenente-coronel que foram forçados a trabalhar neste garimpo e que não ganharam nada.³⁹

De acordo com os mesmos inquéritos, alguns destes indivíduos foram levar mantimentos e aguardentes para o Novo Descoberto e aproveitaram a ocasião para retirar alguma bateada nas lavras dos Lopes e do Mão de Luva.⁴⁰

Todos esses relatos apenas confirmam, com exceção do filho de Luís Francisco, que os cachoeirenses trabalhavam de forma temporária e periódica nos sertões do Macacú. Primeiro, porque não possuíam escravos para entrar como sócios no garimpo; segundo, porque necessitavam voltar às suas casas para o serviço da lavoura. Não é sem razão que a maioria destes garimpeiros “temporários” eram jovens e solteiros, o que facilitava ficar longos períodos longe de suas famílias.

b) O Caso Luís Francisco

De todos os moradores das Cachoeiras do Macacú, Luís Francisco foi aquele que teve mais presença no garimpo do Novo descoberto. Não exatamente nas lavras do Mão de Luva, e sim com os irmãos Lopes. Deste envolvimento resultou que um dos filhos deste cachoeirense fosse enviado para trabalhar nesta lavras.

³⁹ Cartas do Capitão-Mor da Vila do Macacú, op.cit.

⁴⁰ Ibidem.

Não sabemos se pode considerar Luís Francisco como um cachoeirense "típico". Ele era proprietário de um pequeno pedaço de terra, tinha uma casa, que servia também de taberna, uma senzala e três escravas. A sua família era numerosa, além de sua esposa, havia duas filhas e quatro filhos, como consta no auto de prisão de sua esposa, "Rosa Maria do Sacramento e seus filhos e filhas: Luiza da Conceição, Izabel de Flores Pinto, Manoel Francisco da Silva, José Teixeira da Silva, Ignacio Teixeira da Silva, Antônio Luís da Silva e seus escravos Maria, Mariana e Naveira."⁴¹

A primeira suspeita policial sobre Luís Francisco era a taberna que este possuía, ponto de contrabando por excelência. Nessa taberna, muito bem localizada na "Entrada do Mato" e próxima ao registro policial, era possível comercializar com os Lopes e realizar bons contatos. Foi num desses encontros que Luís Francisco, seu filho e um cachoeirense, Antônio da Silva Costa, seguiram com José Lopes para o Novo Descoberto, onde garimpavam um tempo.

A segunda suspeita era o envolvimento das filhas deste com os Lopes e isso que o Tenente Coronel comenta depois de prendê-las: "A mulher de Luís Francisco conta-me ser cometedora do mau proceder de suas filhas com estes criminosos, consentindo-os em sua casa com o pretexto de taverna que ali tem" ⁴². Durante o cerco a sua casa, Luís Francisco conseguiu fugir, embrenhando-se no mato com alguns contrabandistas. O seu destino pode ter sido os distritos de "pé de serra", Guapi-Mirim Guapi-açu e Magé. Outro possível paradeiro, era a Ilha de Paquetá, onde tinha negócios. O comandante suspeitava que Paquetá fosse o local para onde ia a maior parte do ouro do Novo Descoberto⁴³. Para evitar que fugisse, Manuel Soares Coimbra enviou cartas para os sargentos-mores desses distritos. A resposta que obteve é que nestes povoados os contrabandistas não só encontravam abrigo como também ampliavam a sua rede de contrabando, pois podiam recorrer aos descaminhos paralelos ao Real Caminho do Ouro⁴⁴.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Idem, n^o 52.

Fora as diligências do Ten.Cel. Manuel Soares Coimbra, o dado mais relevante sobre Luís Francisco é o inventario dos seus bens, realizado logo apos a prisão de sua esposa, onde indicam algum "status" social, pela presença de escravos, livros e muitos utensílios de metal. Apesar desse "status", os seus bens se encaixam perfeitamente no quadro de pobreza da região do Macacú. Pobreza que o Prof. Francisco Carlos: chama do "tipo antigo", isto é, não-capitalista e típica de sociedades agrárias: "uma alimentação pobre, doenças e uma elevada mortalidade...", "dominada pela pequena propriedade" (SILVA, 1990, p. 11-12.), combinando as lavouras de arroz, feijão e milho com a pequena criação.

Devido a essas condições, a principal atividade dos cachoeirenses com o Novo Descoberto se limitou ao trabalho braçal para os "donos" de lavras, e no abastecimento daquela região mineradora. Como exemplo mais claro disso, temos o caso de Luís Francisco, que não só tinha um estabelecimento que servia de ponto de abastecimento dos extraviadores, como também, enviou um dos seus filhos para trabalhar nas lavras dos irmãos Lopes.

Acreditamos que esse cachoeirense, pelas suas íntimas relações com os Lopes, possa ter chegado a ser uma espécie de sócio na mineração. Os seus bens, inventariados pelo Capitão-Mor da Vila de Macacú, assinalam algum "status" social, apesar de pequeno, mas o suficiente para se destacar dos demais moradores da região.

Na verdade, não podemos excluir os cachoeirenses do exercício do contrabando de ouro na região. Afinal, a posição geográfica da Vila de Macacú os favorecia a tornarem-se os principais contrabandistas e extraviadores do ouro. E, apesar das poucas provas, foi exatamente isso que acreditamos que tenha acontecido.

Referências Bibliográficas

BURMEISTER, Hermann. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835). Belo Horizonte: Ed.Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

DIAS, Acácio Ferreira Dias. Diário Oficial. Niterói. 1942.

ERTHAL, Clélio. Cantagalo – da miragem do ouro ao esplendor do café. Niterói: Gráfica Erthal, 1992.

HOBSBAWM. Erick. Bandidos. Petrópolis: Paz e terra, 2011

GARCIA, Romyr Conde. Descaminhos dos Reais Direitos: O contrabando entre as capitanias do Rio de Janeiro e Minas gerais. Tese de doutoramento. São Paulo: USP/FFLCH, 1995

MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978.

MAXWELL, Kenneth, A devassa da Devassa. Petrópolis: Paz e terra, 1993

SOUZA, Laura de Melo. Desclassificados do Ouro. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1986
TSCHUDI, Johann Jakob Von. Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.